

O que é correcto é sempre realizável

— Presidente Joaquim Chissano,

«O que é correcto é sempre realizável» — disse quinta-feira última em Boane o Chefe do Estado, Joaquim Chissano, quando procedia à inauguração da Barragem dos Pequenos Libombos. O Presidente Joaquim Chissano acrescentou que aquela obra demonstra que é possível, em obras concretas, fazer em poucos anos os milhões de discursos de apelo à paz, à cooperação e para o desenvolvimento.

Joaquim Chissano considerou a Barragem dos Pequenos Li-

mbombos como um exemplo concreto «do que nós queremos que seja a cooperação Sul-Sul, a criação do bem-estar dos homens, o desenvolvimento económico e social, a harmonia na cooperação internacional».

Não preparamos nenhum discurso especial para esta ocasião, porque é difícil fazer-se tal discurso, particularmente depois do que esperávamos que... a dita por outros representantes do nosso Partido, do nosso Governo e por aqueles que participaram na construção desta grandiosa obra, neste momento em que somos chamados a tomar a palavra para indicar quais são as nossas impressões sobre a obra, para outros para darmos perspectivas do futuro e orientações. Mas nenhuma destas ideias são possíveis neste momento em que estamos emocionados de alegria, porque a qualificação desta obra não tem palavras que sejam suficientemente dignas para se indicar o que sentimos neste dia. Porém, podemos tentar e é o que vamos fazer.

Saudamos os trabalhadores, as empresas e os organismos envolvidos nos trabalhos dos Pequenos Libombos pelos sucessos que alcançaram. E mais do que pelos sucessos que alcançaram, pelos sacrifícios que consentiram, pela ousadia que demonstraram de desafiar a natureza. Pela ousadia que tiveram de demonstrar que a justiça sempre vence, que o que é correcto é sempre realizável, a ousadia de demonstrarem que é possível em obras concretas fazer em poucos anos os milhões de discursos de apelo à paz, à cooperação, para o de-

senvolvimento do mundo. Nestes quatro anos, nós realizamos trabalho que transcende a construção de uma barragem. Transcende o transporte de pedras, movimentação de terras, acumulação de toneladas de cimento, porque são obras que têm a ver com a vida dos homens moçambicanos, mas que têm a repercussão na vida de homens de outros países e regiões, como é o caso de Suazilândia. Embora indirectamente, esta barragem terá um significado muito importante para o desenvolvimento do Rio Umbelúzi, que une a Suazilândia a Moçambique.

Estas obras trouxeram uma compreensão nova da relação de povos, de governos até e de indivíduos de várias nacionalidades. Criaram uma nova consciência para a luta contra o subdesenvolvimento e indicam como esta luta não só beneficia os países subdesenvolvidos mas também os próprios países desenvolvidos.

Por isso eu disse que esta construção da Barragem dos Pequenos Libombos transcende a mera construção da barragem. Construiu novas consciências e novas esperanças no desenvolvimento harmonioso dos povos do mundo. Alguém poderá pensar que são palavras muito ambiciosas, mas o mundo é feito pelos homens e cada homem em si é muito pequeno, mas somados, os homens, têm o valor do mundo.

na inauguração da Barragem dos Pequenos Libombos

como um exemplo concreto «do que nós queremos que seja a cooperação Sul-Sul, a criação do bem-estar dos homens, o desenvolvimento económico e social, a harmonia na cooperação internacional».

Pela sua importância publicamos na íntegra as palavras do Presidente Joaquim Chissano na cerimónia da inauguração da Barragem dos Pequenos Libombos:

Por isso saudamos estes trabalhadores, porque fizeram este desafio num momento muito difícil, em que muitos hesitavam por mãos à obra. Esta obra demonstrou que o trabalho cria condições de segurança, cria condições de estabilidade. Por isso, esta coragem é de louvar, porque foi um combate também para a criação da estabilidade e da segurança numa parcela do nosso país, que vai-se repercutir na estabilidade do País no seu todo.

Saudamos a participação de todos os nossos parceiros envolvidos nesta construção, em particular a Itália e o Banco Africano de Desenvolvimento.

Todos eles foram enumerados pelo nosso representante que acabou de falar, o Sr. Júlio Carrilho, que também particularizou a Itália. Esta particularização não deve, porém, indicar qualquer desprezo da participação de todos quantos aqui estiveram envolvidos. Porque a obra, é importante por todos os seus componentes o estuário, a ideia, o desenho, a construção.

Por isso nós cremos que o discurso feito pelo representante da Itália foi feito em nome de todos quantos participaram aqui. E deversos, o nosso próprio discurso não se pretende dissociar de todos quantos participaram. Gostaríamos de sentir o mesmo que eles sentem pela vitória alcançada.

Sabemos que a obra teve muitos contratempos e todos souberam compreender. As questões financeiras foram sempre ultrapassadas pela vontade da realização da obra e é assim que as questões financeiras tiveram solução. Contrariamente ao que se assiste em muitos empreendimentos por este mundo fora, onde obras são iniciadas e não são terminadas, ou não são terminadas a tempo, porque não existe essa comunhão de entendimento da importância da obra a realizar. Neste caso tivemos o mesmo entendimento, tanto pelo lado económico-financeiro, como pelo lado da segurança e das condições sociais de vida.

Por isso repetimos os nossos agradecimentos a todos aqueles que souberam suportar essas contrariedades e participar para a solução correcta que nos permitiu chegar ao fim.

Esta obra terminou uma das suas fases, mas as perspectivas da obra são imensas. Foram aqui traçados alguns objectivos que o ex-Ministro da Construção e Água, camarada Secretário Júlio Carrilho, enumerou: gestão das águas do Umbelúzi; aproveitamento das águas do Umbelúzi; um bocadinho de electricidade; e o mais importante é que a população de Maputo vai ter água para beber.

Mas estes exemplos que foram apontados como objectivos desta obra não são os únicos benefícios que vamos colher. Lembro-me quando da

visita de uma delegação estrangeira aqui, dirigida por um Chefe de Estado. Colhemos apreciações muito interessantes pelo aproveitamento multifacético que nós vamos dar à barragem e foram mencionados estes três pontos: água para beber, agricultura e energia eléctrica.

Mas estes não são os únicos. Temos, primeiro, a modificação da vida social da população desta zona. Temos um novo sentimento, uma nova consciência, como eu já disse, dos trabalhadores que aqui participaram, que é uma aquisição que devemos transmitir a outros cantos do nosso País. Temos a beleza que se adiciona a esta região do País, esta beleza que vai permitir-nos termos um lugar alternativo de descanso e de prazer para a população da nossa cidade, um lugar com um novo clima criado já pela albufeira dos Pequenos Libombos.

Podemos acrescentar que teremos a possibilidade de fazer turismo aqui nesta região. Se não for um turismo internacional, será um turismo nacional; se não for de todo o País, será, pelo menos, um turismo da população da cidade de Maputo e de alguns distritos da província do Maputo. Portanto, é toda uma vida social, é todo um conceito de trabalho, é todo um conceito de cooperação entre países e empresas que foi construído juntamente com a Barragem dos Pequenos Libombos.

O trabalho agora está connosco. Temos que desenvolver esta zona, temos que defender esta conquista. Por isso a mesma coragem ou mais ainda será exigido. Todas as acções complementares para o aproveitamento da água para o abastecimento de Maputo, para o desenvolvimento da irrigação, para o aproveitamento da

electricidade que aqui vai ser gerada e todos os atributos que aqui foram conquistados, devem ser aproveitados de uma maneira racional. A gestão política deve ser cuidadosamente implementada, para o que o nosso Governo tomará as medidas necessárias, para os aspectos de legislação, de regulamentação; aspectos económicos e financeiros necessários. Esperamos que os governos e as instituições que aqui participaram vão continuar a prestar atenção aos Pequenos Libombos e, para além dos Pequenos Libombos, a outras obras que devem constituir o prosseguimento deste começo tão exitoso.

Aqui tivemos a cooperação da África e da Europa. Creemos que esta cooperação continuará com a mesma confiança que foi depositada na RPM, porque foi na base dessa confiança que tivemos estes sucessos. Sem a confiança mútua esses sucessos não seriam possíveis.

Desta forma, estamos a criar um exemplo concreto do que nós queremos que seja a cooperação Sul-Sul. Não estamos aqui a servir qualquer ideologia apontável por pontos cardiais, ideologia Leste ou Oeste, Norte ou Sul, mas sim a ideologia que se destina a criar o bem-estar dos homens, o desenvolvimento económico, social, a harmonia na cooperação internacional.

Creio que se tomarmos para futuros empreendimentos esta mesma direcção, as palavras paz e desenvolvimento, cooperação e harmonia, terão maior objectividade e o valor necessário.

Fizelhei bocado da necessidade de continuarmos a defender esta zona. O apelo não será feito às Forças Armadas, que demonstraram a sua prontidão. Será feito a um sistema integrado de defesa desta região, que se

provou aqui nos Pequenos Libombos como positivo. O Governador da província e o seu Governo estarão sempre aqui: as populações desta zona estiveram sempre aqui; os milicianos estiveram sempre aqui, juntamente com as Forças Armadas, com os trabalhadores, para defender esta construção. Hoje já é conquista e esse sistema integrado será continuado.

Queríamos agradecer aqui a presença do nosso convidado de honra o representante do Governo da Suazilândia e reiterar que continuaremos a cooperar com os países vizinhos, para desfrutarmos, em conjunto, no quadro do espírito da SADCC, os sucessos que alcançamos aqui na Barragem dos Pequenos Libombos.

Por último, evocamos aqui o nome e memória de todos aqueles que tomaram na execução desta obra (incluem moçambicanos e estrangeiros). Nós que sobrevivemos temos a responsabilidade de valorizar o que eles representaram, não as suas pessoas mas sim os povos a que pertencem e os ideais que eles defendiam.

Dentre essas construtores estou certo que todos estão de acordo, o Presidente Samora Moisés Machel é um dos maiores obreiros, que foi a base, realmente, da criação dessa confiança mútua entre todos os intervenientes. Por isso, evocamos a sua memória e esperamos que eles não tenham tombado em vão, porque esperamos seguir os seus ensinamentos, esses seus ideais que forjaram para que entre os nossos países prevaleça a cooperação e a amizade.

Eu não queria que se tomasse este como um tom triste do fim do meu discurso porque, afinal, a nossa alegria será se nós conseguirmos consubstanciar todos esses ideais. É motivo de festejar, porque esses ideais venceram e vencerão para sempre.

2/5/87